

Mobilidade social e IA

Ana Maria Diniz

Valor, 19.5.2025

Com o planejamento consciente de estratégias inclusivas e inovadoras, podemos consertar o “elevador social” e construir um futuro em que todos tenham a oportunidade de prosperar

Há dois anos eu tive a oportunidade de estar presente em uma palestra da americana Amy Webb, a futurista mais celebrada da atualidade, para pouco mais de 300 pessoas, em Puglia, na Itália. Em sua apresentação, ela discorria sobre as incontáveis mudanças que a inteligência artificial (IA) estava prestes a proporcionar para nossas vidas, na área de saúde, da educação e até em hábitos do dia a dia. Naquele momento, me deu um estalo, uma visão: o mundo definitivamente vai mudar, e muito. Mas não vai mudar para todos, vai mudar só para quem pode. Certamente, quem está no topo da pirâmide terá acesso a soluções incríveis. E isso vai aumentar de forma ainda mais drástica as diferenças sociais, que hoje em dia já são enormes.

Nessa hora, me deu vontade de pegar o microfone e fazer uma convocação para todos os formadores de opinião que estavam lá: “Vamos firmar um compromisso coletivo aqui, cada um de nós na sua área, a fazer com que todas essas maravilhas sejam acessíveis a todos”. Logicamente, não cabia a mim subir no palco para falar isso. Mas, hoje, me arrependo, deveria ter tido essa coragem!

Mobilidade social, a capacidade de indivíduos ascenderem social e economicamente para ter condições melhores em suas vidas ou em gerações, foi o pilar do progresso no século 20. Em países desenvolvidos, o crescimento econômico, a expansão educacional e as oportunidades de trabalho permitiram que os filhos frequentemente superassem o status de seus pais na maioria dos países do Ocidente, inclusive no Brasil. Nas últimas décadas, tem-se observado uma reversão dessa tendência, com implicações para as gerações Millennial (nascidos entre 1980 e 1996) e Z (nascidos entre 1997 e 2010).

Se por muito tempo a mobilidade intergeracional era uma promessa quase garantida, nos últimos anos o elevador que possibilitou milhões de pessoas subirem na vida começou a apresentar defeitos. Nos Estados Unidos, por exemplo, 93% das pessoas nascidas em 1940 na classe média tinham chances de ganhar mais que seus pais aos 30 anos. Para os millennials, esse número caiu para 45%, segundo a plataforma Visual Capitalist. No Reino Unido, os millenials ganham menos aos 20 anos do que a Geração X (nascidos entre 1965 e 1980) e os Baby Boomers (nascidos entre 1946 e 1964). Entre os americanos nascidos no final dos anos 80, 49% têm empregos piores do que o de seus pais, conforme o Stanford Center on Poverty and Inequality.

Para a Geração Z, os dados ainda são escassos, mas sugerem desafios semelhantes, ou até piores. O crescimento salarial estagnado, o aumento dos custos de saúde e educação e a crescente desigualdade de renda criam barreiras significativas. A concentração de renda no topo da pirâmide é um problema global que vem escalando, com 45% de toda riqueza mundial nas mãos de apenas 1% da população do planeta.

A inteligência artificial amplifica esse quadro. Apesar de ter potencial para melhorar a saúde e a educação, ela também substitui empregos de baixa qualificação.

Nos países desenvolvidos, 60% dos empregos têm alta exposição à IA, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o que pode agravar a desigualdade e limitar a

mobilidade para aqueles sem acesso à requalificação. Sem um planejamento sério e políticas intencionais para tornar a tecnologia acessível, a IA pode consolidar uma sociedade mais estratificada, onde a ascensão social se torna ainda mais difícil para as novas gerações.

No Brasil, a mobilidade social enfrenta obstáculos ainda maiores devido a desigualdades estruturais históricas. O país ocupa a 60ª posição entre 82 nações no índice de mobilidade social do Fórum Econômico Mundial. As desigualdades raciais, de gênero e regionais agravam o cenário. Mais de 90% dos brasileiros que abandonam o ensino médio antes são negros, e só 10,4% dos filhos de pais com ensino médio incompleto concluem o ensino superior. A pesquisa “Tese de Impacto pela Mobilidade Social”, conduzida pela Fundação Grupo Volkswagen, Artemísia e Instituto Veredas, divulgada no início deste ano, mostra que um brasileiro de baixa renda levaria, em média, nove gerações para alcançar a classe média, um dos piores índices globais.

Nesse contexto, o empreendedorismo poderia ser uma alternativa para gerar renda, mas a falta de acesso a crédito e de capacitação impede o crescimento de pequenos negócios. O capital filantrópico e parcerias estratégicas são essenciais para superar esses obstáculos. Iniciativas como as do Polvo Lab, que transforma produtos de cooperativas brasileiras em marcas fortes, com diferencial competitivo, equipando o produtor para que ele aumente a sua renda e se profissionalize, fazem a diferença. Os negócios de impacto oferecem de fato um modelo promissor, pois provocam inovação no sistema e testam modelos para, no futuro, serem adotados como políticas públicas e soluções que atendam às necessidades de quem mais precisa.

Eu acredito em promover autonomia para as pessoas por meio não só da geração de renda, mas de conhecimentos que possam trazer qualidade de vida aos vulneráveis. Acredito que qualquer ser humano é capaz de se desenvolver e de ascender na pirâmide social, desde que tenha acesso à educação contextualizada e capacidade de dar conta de sua vida, financeira e emocionalmente. Para que isso seja possível é necessário um ecossistema robusto, com maior acesso a capital, apoio técnico e foco no desenvolvimento das pessoas. Além disso, a regulamentação ética da IA e a ampliação de sua penetração, para resolver de forma intencional problemas reais dos mais necessitados, são passos essenciais.

A mobilidade social não é só uma questão de justiça, mas de coesão social e progresso para um futuro coletivo comum. Com o planejamento consciente de estratégias inclusivas e inovadoras, podemos consertar o “elevador social” e construir um futuro em que todos tenham a oportunidade de prosperar.

Ana Maria Diniz é fundadora do Instituto Península, que atua na formação de professores; empresária e conselheira do Todos pela Educação e Parceiros pela Educação.